

BRIGITTE GIRAUD VIVER DEPRESSA

Romance
autobiográfico
vencedor
do Goncourt
de 2022



TUSQUETS
EDITORES

EXEMPLAR ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

BRIGITTE GIRAUD
VIVER DEPRESSA

TUSQUETS
EDITORES

TRADUÇÃO

MARIA DE FÁTIMA CARMO

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Brigitte Giraud, Editions Flammarion, Paris, 2022

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024

Copyright da tradução © Maria de Fátima Carmo, 2024

Título original: *Vivre vite*

Todos os direitos reservados.

Preparação: Mateus Duque Erthal e Mariana Silvestre

Revisão: Maitê Zickuhr e Caroline Silva

Diagramação: Kalany Ballardin

Capa original: Projeto gráfico de Compañía

Adaptação de capa: Fabio Oliveira

Imagem de capa: Katarzyna Lukaszewska / Arcangel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Giraud, Brigitte

Viver depressa / Brigitte Giraud ; tradução de Maria de Fátima Carmo. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

160 p.

ISBN 978-85-422-2604-1

Título original: *Vivre vite*

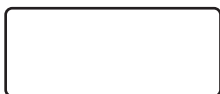
1. Ficção francesa I. Título II. Carmo, Maria de Fátima

24-0140

CDD 843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção francesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Sumário

- 21 SE EU NÃO TIVESSE QUERIDO VENDER O APARTAMENTO**
- 27 SE O MEU AVÔ NÃO TIVESSE SE SUICIDADO**
- 33 SE EU NÃO TIVESSE TEIMADO EM VISITAR ESSA CASA**
- 45 SE NÃO TIVÉSSEMOS PEDIDO AS CHAVES ANTES**
- 49 SE EU NÃO TIVESSE TELEFONADO PARA MINHA MÃE**
- 53 SE O MEU IRMÃO NÃO TIVESSE TIDO, DE REPENTE, UMA SEMANA DE FÉRIAS**
- 55 SE EU TIVESSE ACEITADO QUE O NOSSO FILHO VIAJASSE DE FÉRIAS COM O MEU IRMÃO**
- 57 SE O MEU IRMÃO NÃO TIVESSE TIDO O PROBLEMA COM A GARAGEM**
- 59 SE EU NÃO TIVESSE MUDADO A DATA DA REUNIÃO COM O MEU EDITOR EM PARIS**
- 63 SE EU TIVESSE TELEFONADO A CLAUDE NA NOITE DE VINTE E UM DE JUNHO, COMO DEVERIA TER FEITO, EM VEZ DE OUVIR HÉLÈNE FALAR DA SUA NOVA HISTÓRIA DE AMOR**
- 67 SE EU TIVESSE TIDO UM CELULAR**
- 71 SE A HORA DAS MAMÃES NÃO TIVESSE SIDO TAMBÉM A HORA DOS PAPAIS**

- 75 SE O MEU IRMÃO NÃO TIVESSE GUARDADO A MOTO NA GARAGEM DA CASA NOVA
- 79 POR QUE É QUE TADAO BABA, O ENGENHEIRO JAPONÊS QUE REVOLUCIONOU A HISTÓRIA DA EMPRESA HONDA, ENTRA DE FORMA VIOLENTA NA MINHA VIDA
- 83 POR QUE É QUE A HONDA CBR 900 FIREBLADE, ORGULHO DA INDÚSTRIA JAPONESA, QUE CLAUDE CONDUZIA NAQUELE DIA VINTE E DOIS DE JUNHO DE 1999, ERA EXPORTADA PARA A EUROPA E NÃO PERMITIDA NO JAPÃO
- 91 SE EU NÃO TIVESSE FEITO O FAVOR AO MEU IRMÃO
- 95 SE CLAUDE NÃO TIVESSE LEVADO A MOTO DO MEU IRMÃO
- 103 SE STEPHEN KING TIVESSE MORRIDO NO SÁBADO DEZENOVE DE JUNHO DE 1999
- 109 SE AQUELA MANHÃ DE TERÇA-FEIRA TIVESSE SIDO CHUVOSA
- 115 SE CLAUDE TIVESSE OUVIDO *DON'T PANIC* DO COLDPLAY, E NÃO *DIRGE* DO DEATH IN VEGAS, ANTES DE SAIR DO TRABALHO
- 123 SE CLAUDE NÃO TIVESSE ESQUECIDO SEUS TREZENTOS FRANCOS NO CAIXA DO BANCO DA SOCIÉTÉ GÉNÉRALE
- 127 SE O SEMÁFORO NÃO TIVESSE FICADO VERMELHO
- 143 SE DENIS R. NÃO TIVESSE DECIDIDO IR DEVOLVER O 2CV AO PAI
- 149 O ECLIPSE

SE

TUSQUETS
EDITORES

1. Se eu não tivesse querido vender o apartamento

Desde que nos conhecemos num subúrbio de Lyon, chamado Rillieux-la-Pape, não muito famoso porque ali foram queimados consideravelmente menos carros do que em Vaulx-en-Velin desde os anos 1980, Claude e eu fizemos de tudo para deixarmos aquela vizinhança e nos mudarmos para o centro de Lyon.

Gostei daquele período em que partia em busca de anúncios para descobrir apartamentos que correspondessem às nossas fantasias. Sonhávamos com bairros efervescentes, repletos de cafés, cinemas e lojas de que sentíamos falta na nossa ZUP.² Queríamos o oposto da cidade-dormitório onde tínhamos crescido, aqueles edifícios de renda aluguel acessível multiplicados às dezenas e feitos de concreto armado e em linhas retas.

² ZUP – zona de urbanização prioritária: procedimento administrativo usado na França no pós-guerra para responder à enorme procura por habitação. As ZUPs permitiram a criação de bairros novos, essencialmente dirigidos a classes populares, mas é reconhecida a sua falta de dinamismo, sendo utilizados sobretudo como “dormitórios”. (N.T.)

Encontrei sem dificuldade um lugar para alugar (estávamos no início dos anos 1980) e nos mudamos para um grande apartamento antigo, cujo aluguel ridiculamente baixo nos atraía (quatrocentos francos por mês, ainda tenho os recibos), além de duas colunas de gesso muito *kitsch*, que davam à sala ares de falso palácio, e um soa-lho de carvalho que enganava bem. Estava mais do que na hora de acabar com o linóleo que tinha sido o pão nosso de cada dia e o aquecimento no chão que fizera inchar as pernas das nossas mães. Ficamos tão perplexos por nossa oferta ter sido considerada que nem reparamos na ausência de radiadores, nas janelas tão pouco vedadas e na fachada do edifício da frente, a menos de cinco metros, que tapava a luz e abrigava um motel.

Fomos os primeiros do nosso grupo de *zupianos* a migrar para o centro da cidade e a encontrar um tesouro: um apartamento suficientemente espaçoso para receber os amigos e constituir uma base perto da estação de metrô Hôtel-de-Ville. Em outras palavras, um espaço ideal para noites, para shows improvisados ou para alojar quem tivesse necessidade.

Mas a sorte acabou depressa.

Fomos rapidamente expulsos devido à gentrificação, palavra que não conhecíamos na altura dos nossos vinte anos, mas que determinou o nosso percurso. O corretor que comprara o edifício para rentabilizar as áreas habitáveis propôs nos realojar, como a lei exige, mas em Vénissieux, outro subúrbio bem conhecido pelas suas noites agitadas e pelas suas torres de quinze andares que a política urbana em breve condenaria à implosão. Não estava nos nossos planos um regresso ao subúrbio, para onde pareciam querer nos reenviar à força, e tivemos de lutar para permanecer no centro da cidade.

Depois de termos sido de novo despejados, por um senhorio pouco escrupuloso, de um apartamento alugado nas docas, soubemos do

suicídio do meu avô, sem que houvesse ligação entre os fatos, como a minha formulação poderia dar a entender. O ponto em comum, se diminuirmos o *zoom*, é o meu avô materno – perfeito exemplo do êxodo rural que o fez chegar à área metropolitana lionesa nos anos 1950 – ter se mudado com a família para uma casinha nas margens do Rhône, na comuna de Saint-Fons, no local para onde o grupo farmacêutico Rhône-Poulenc, na época em plena atividade (depois disso comprado pelo Sanofi Aventis), planejava expandir as suas instalações. Alguns anos mais tarde, os meus avós tiveram de ceder lugar aos tratores e acabaram junto das torres de Vénissieux, para onde mandavam aqueles que estavam longe das suas origens: auvernios, argelinos, marroquinos e portugueses, e que não ousavam se queixar por respirar o ar saturado do sulfeto de hidrogênio expelido pela vizinha refinaria de Feyzin. Depois da morte da minha avó, que contraiu precocemente leucemia e já não sabia onde estender a roupa por causa do cheiro de ovo podre que impregnava os tecidos, e após outras peripécias que seria demasiado arriscado contar, o meu avô se lançou nas águas do Rhône. Encontraram o seu corpo e os seus documentos de identificação na barragem de Pierre-Bénite, em pleno vale da petroquímica.

Foi por causa deste determinismo e do dinheiro que recebi da minha mãe na partilha da herança que Claude e eu nos tornamos proprietários? Foi para não nos arriscarmos a sermos postos na rua uma vez mais? Talvez tivéssemos desejado moderar as nossas pretensões e sem dúvida acalmar outra coisa, uma espécie de inquietação de que não tínhamos sequer consciência e que, para Claude, tinha raízes no exílio, pois aos quatro anos ele fora colocado num barco vindo da Argélia, país que não voltaria a ver.

Certamente, tornar-se proprietário não é apenas o símbolo ideológico que se pensa.

Compramos um apartamento no bairro da Croix-Rousse da família Boubeker que o deixava porque estava à espera de mais um filho. Ficamos ali dez anos e levamos quase o mesmo tempo para reformar. O que era o destino das pessoas da nossa geração, os trintões que compravam e depois remodelavam *canuts*, ou seja, espaços que tinham, no século XIX, abrigado fiações de seda e cujo generoso pé-direito permitira a instalação de teares e o alojamento de negociantes. O bairro tinha mudado desde a época dos *canuts*, mas conservava ainda o seu quinhão de operários e imigrantes. Éramos muitos, os que queríamos reformar os apartamentos, decapando, pintando, instalando cozinhas americanas e arrancando os ripados dos tetos falsos que os proprietários de meados do século XX tinham instalado para ocultar o vigamento à francesa, tão pouco em voga na altura dos Trinta Gloriosos.

O espírito mudara, a palavra de ordem agora era autenticidade e o *nec plus ultra* dos anos 1980 consistia, pelo contrário, em tornar visíveis vigas e pedras. Foi o que nos esforçamos para fazer, Claude e eu, sob pena de passarmos nisso os nossos fins de semana, numa euforia ligeira, copiosamente dopados pelo *Xyladecor* que usávamos para tratar as superfícies de madeira. Empoleirados no pequeno andaime que alugamos na Kiloutou, e ouvindo Nirvana nos nossos macacões. Experimentávamos a alegria de termos uma casa nossa pela primeira vez. Naquele tempo acreditávamos na beleza, persuadidos de que íamos transformar o apartamento num templo do bom gosto. Estávamos apaixonados e não tínhamos obstáculos à nossa frente.

O nosso filho nasceu, levando a nossa energia à incandescência. Ele dormia no único quarto, que tínhamos forrado com papel de parede novo, e nós dormíamos no mezanino, um pouco como os *canuts* do século XIX. Era habitual entre os residentes do bairro, que consideravam muito romântico subir a escadinha, mesmo para mijar às três horas da matina. Acreditávamos possuir o monopólio da arte

de viver. Éramos pessoas *cool* e seguras de nós. Posso afirmar aqui que era a vida perfeita. Durou dez anos.

Não sei o que me deu para querer alterar alguma coisa nesse equilíbrio.

Porque a vontade de mudar partiu de mim. A vontade de não ficar como estava, de recomeçar tudo. De subir um nível no nosso ar *cool*. Visar a perfeição, já que aqui estamos.

Invocava aquela escada portátil, que diabo, que era preciso carregar no meio da noite, a falta de privacidade e o quarto que faltaria caso tivéssemos o segundo filho que desejávamos.

Foi nesse ínterim que comecei a escrever, nesse tempo de latência e dúvida, no qual faltava, acreditava eu, uma dimensão à existência.

TUSQUETS
EDITORES